

Entrevista: José Junior

“Minha motivação é criar pontes que integrem pessoas diferentes”

Conversamos com José Junior¹, coordenador executivo do grupo cultural AfroReggae, durante mais de três horas. As histórias se multiplicam e é difícil resistir ao fascínio de uma reflexão inteiramente baseada em experiências e histórias de vida. Selecionamos trechos do diálogo, especialmente aqueles que indicam as mudanças nas dinâmicas do tráfico e da violência armada que envolve adolescentes e jovens nas favelas cariocas. Também conversamos sobre as experiências únicas do AfroReggae com a polícia, a visão do grupo sobre as políticas de segurança e a possibilidade de mudança de pessoas e contextos.

Observatório da Cidadania: Em 1993, quando o AfroReggae começou, a sociedade estava chocada com o massacre de Vigário Geral e a Chacina da Candelária. Hoje, parece que tais acontecimentos são considerados ‘normais’ pela maioria. O que aconteceu nesses anos em relação à violência?

José Junior: Em alguns aspectos, melhorou muito; em outros, piorou. Por exemplo, antes, em qualquer favela, só havia uma linha telefônica, o orelhão público, grampeado e controlado pelo tráfico. Por isso, não havia a quantidade de denúncias que há hoje com o celular. Nesse aspecto, melhorou. Se o morador não compactua com o tráfico, com a criminalidade ou a corrupção policial, denuncia. Hoje, tem internet, celular, Orkut, MSN, e-mail e o próprio telefone fixo, as pessoas se sentem com mais liberdade.

Lembro que, antes, toda semana, pessoas morriam em Vigário Geral. Agora, não morrem mais, porque há maneiras de denunciar. Hoje, uma pessoa de classe média conhece o nome de 10 a 15 bandidos, ouve falar sobre traficante todos os dias. Antigamente, não havia condições de saber o que acontecia dentro das favelas. Nesse sentido, o fato de a violência ter descido para o asfalto, como se diz, é muito positivo, porque obriga todo mundo a se preocupar. Antes, ninguém se importava com quantos mortos havia na zona oeste, em Vigário Geral, Parada de Lucas ou Acari. Mas quando é deflagrada uma guerra da Rocinha com o Vidigal, vira um marco porque envolve Leblon e São Conrado, ou seja, a zona sul. Isso nos obriga a pensar, a rever um monte de conceitos.

Muitos dizem que, em 1993, se compararmos com 2008, havia menos violência. Não concordo, tinha muito mais! O chamado micro-ondas, o lugar onde traficantes queimam as pessoas, foi criado nessa época, assim como o esquartejamento... as maiores crueldades surgiram justamente nesse período. Quando comparamos com aquela época, a violência diminuiu muito, mas o fato é que só em 1999, 2000 esses fatos começaram a aparecer na imprensa. O que mudou foi isso, hoje se fala mais do que acontece dentro das favelas.

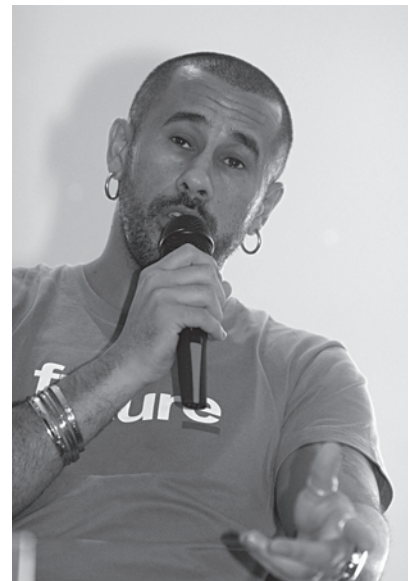
Observatório: Mas a situação do narcotráfico também mudou, não é? Não se ganha tanto dinheiro no tráfico hoje quanto se ganhava há 15 anos.

José Junior: Não se ganha, mas há outras questões. Dependendo da favela, controlar ponto de venda de drogas é um detalhe. Em favelas pequenas e mais pobres, o ponto de venda de drogas está falido. Essa falência tem a ver com a boa e com a má atuação da polícia, via extorsão. Tem a ver com drogas sintéticas, o disque-drogas, porque ninguém mais precisa comprar drogas em favelas, elas são entregues. Nunca mais vi as filas que existiam em várias bocas de fumo. Hoje, não dá para pensar no traficante apenas como vendedor de drogas. Ele participa de outras operações, como venda de gás e *gatonet*. De repente, ele também tem comércios lícitos na região, uma loja, uma padaria. Em alguns casos, tem nota fiscal, tem tudo. O traficante mora com a família, tem o lucro do negócio lícito. Então, mudou bastante, quase não há mais aquele assistencialismo. E mudou também por aspectos múltiplos, como falta de *feeling*, falta de relação com o local, porque muitos traficantes não são criados e nascidos nas favelas onde atuam.

Observatório: E o trabalho do AfroReggae nesse contexto de mudanças?

José Junior: Nesses 15 anos, aprendemos muito. Antes, participávamos de todas as passeatas que outras organizações faziam. O AfroReggae sempre puxava as passeatas, abrindo com a percussão. Há uns cinco anos, decidimos: ‘Não fazemos mais manifestação na zona sul’. Podemos fazer na porta do Complexo do Alemão, em Santa Cruz, porque morre muito mais gente na favela que na zona sul.

Percebemos também que não há receita de bolo, que isso é furada, principalmente para o trabalho de mediação. Em primeiro lugar, temos de entender que muito está mudando nas favelas na relação com o tráfico e, principalmente, que há grandes diferenças entre uma favela e outra. Quem tiver receita se dá mal. Sempre vou em favelas



para conversar com a liderança do tráfico. Outro dia, uma liderança do tráfico me pediu ajuda para fazer um *show*, o que sempre pedem. Ele falou: ‘Me ajuda a denunciar na imprensa que tem muitos casos de meningite lá na minha favela e as crianças estão morrendo’. Poxa, tenho de ouvir isso do chefe do tráfico?

Nosso trabalho é o de mediação de conflitos. Não me interessa se a boca de fumo é da facção A, B ou C. Às vezes, estamos negociando o fim da guerra entre dois grupos ou a retirada das armas de uma área para fazer um *show*. O traficante fala: ‘Vem cá, tu garante que os caras não vão invadir aqui?’. Eu falo: ‘Não garanto coisa nenhuma, não sou bandido, como vou garantir? Tô vindo aqui pra conversar. Mesmo que me dê sua palavra, não vou assinar junto. Não garanto nem o AfroReggae. Posso garantir meu empenho, mas que vai rolar, não posso garantir’. Mesmo assim, é preciso dar a chance para o cara sair do crime.

1 Entrevista realizada em junho de 2008, por Átila Roque, do Inesc, e Fernanda Lopes de Carvalho, do Ibase. Edição: Flávia Leiroz/ Colaboração: Luciano Cerqueira e Sílvia Ramos. Revisão: Ana Bittencourt Fotos: Arquivo AfroReggae.

Sobre o AfroReggae

Criado em 1993, o Grupo Cultural AfroReggae tem como missão “promover a inclusão e a justiça social utilizando a arte, a cultura afro-brasileira e a educação como ferramentas para a criação de pontes que unam as diferenças e sirvam como alicerces para a cidadania”. Hoje, o AfroReggae se estrutura em 14 subgrupos e tem núcleos em quatro favelas cariocas (Vigário Geral, Parada de Lucas, Complexo do Alemão e Cantagalo), totalizando 75 projetos, entre grupos musicais, programas de rádio, televisão, revista impressa e moda. O AfroReggae mantém trabalhos de intercâmbio com grupos de jovens de várias partes do Brasil e também da Inglaterra, Alemanha e Índia.

José Junior é o coordenador executivo do AfroReggae desde a sua fundação. Tem 41 anos, publicou o livro *AfroReggae, da Favela para o Mundo* (Aeroplano, 2003), uma referência entre empreendedores urbanos e empresários. Apresenta o programa “Conexões Urbanas”, no canal Multishow, abordando experiências de grupos e pessoas que fazem trabalho social e constroem “pontes” entre as experiências locais e formadores(as) de opinião, gestores(as) públicos(as) e mercado. ■

Observatório: E qual foi o resultado disso?

Junior: Passamos a conhecer os dois lados. Esse exercício de também pensar o lado da polícia se desenvolveu com projetos que fizemos. Isso tudo fez com que tivéssemos um entendimento diferenciado. Fizemos um projeto, *Juventude e Polícia*,² que era para acontecer no Rio. O projeto tinha dois coordenadores do AfroReggae homossexuais, e quase todos os profissionais envolvidos foram vítimas de violência policial. Ou seja, tinha tudo para dar errado. Mas esse projeto começou em 2004, em Minas Gerais, e é um sucesso até hoje. Lá, todos os multiplicadores do AfroReggae são policiais. E eles incorporaram mesmo os conceitos do AfroReggae.

Eu sempre ouvia dos policiais: ‘Quando morre um policial, não tem direitos humanos’. Essa situação foi crescendo e o próprio Paulo Negueba, que levou um tiro de fuzil no pé dado pelo Bope [Batalhão de Operações Policiais Especiais], foi lá ensinar os caras e ficou amigo de vários policiais. Na época, entramos em contato com a polícia de Minas até que, em 2005, lançamos o documentário *Polícia mineira*, que teve um papel muito importante. Passamos o documentário para polícias de todo o Brasil. Uma das sessões foi no QG da PM do Rio. Todos os delegados e comandantes de batalhão estavam presentes.

Observatório: *Você mencionou algo muito importante: acreditar nas pessoas. Acredita que a pior das pessoas pode mudar?*

Junior: No evento de 15 anos do AfroReggae no Theatro Municipal do Rio de Janeiro,³ não falei de patrocinar quando subi ao palco, falei do Dr. Gilberto Ribeiro⁴ [na época, chefe da Polícia Civil do Rio de Janeiro]. Divulgamos vinhetas mostrando a violência policial, chacinas, e, ao mesmo tempo, a polícia no palco tocando com a gente. Nos sites, jornais e programas de TV que mostraram o evento, o destaque foi para essa cena. Sabia que seria. Juntar o AfroReggae – e, quando falo de AfroReggae, falo da banda, da ONG de Vigário Geral – e a a Polícia Militar, imediatamente associada à corporação que

2 Projeto coordenado pelo Grupo Cultural AfroReggae e pelo Centro de Estudos de Segurança e Cidadania (CESeC), em parceria com a Polícia Militar de Minas Gerais e o Programa Fica Vivo, por meio da Secretaria de Defesa Social. A ideia é romper com as imagens estigmatizadas que os jovens têm da polícia e vice-versa. Ver referências em <www.uacamcesec.com.br>.

3 Evento de comemoração dos 15 anos do AfroReggae, em parceria com a Unesco, cujo tema foi os 60 anos da Declaração dos Direitos Humanos. O prêmio Orilaxé, do Grupo Cultural AfroReggae, já se sedimentou como um dos mais importantes do país. A nona edição foi especial porque marcou os 15 anos da instituição e, além dos prêmios, realizou homenagem especial a 15 pessoas que colaboraram com o grupo ao longo de sua trajetória. Por isso, pela primeira vez, o prêmio foi no Theatro Municipal do Rio de Janeiro, uma festa para 2,5 mil pessoas, as mais diversas possíveis.

4 Foi substituído, em 17/4/2009, pelo chefe do Departamento de Polícia Especializada, delegado Allan Turnowsky.

Observatório: E a relação do AfroReggae com a polícia?

Junior: Mudou com o tempo, a partir do encontro com algumas pessoas e a vivência de algumas situações. Em 2002, Benedita da Silva já era governadora, um integrante do AfroReggae, que era do Rappa, Paulo Negueba, tomou um tiro de fuzil no pé. Então, fizemos um vídeo de revolta, mostrando a violência policial. Todos os canais de TV queriam passar. Fizemos uma sessão fechada com Zuenir Ventura, Cacá Diegues, Luis Roberto Ferreira, André Midani, e outros amigos. Todos falaram para passarmos o vídeo. Mas quando mostrei para o Arthur Lavigne (criminalista), o advogado do AfroReggae, ele falou: ‘Não passa esse vídeo, porque tanto a vítima quanto o agressor, o policial, vão processar e vocês vão perder’. Mandamos o clipe para a Anistia Internacional, que fez um barulho danado. Não podia passar na televisão, mas poderia passar em debates e palestras. Quem passou foi a Anistia Internacional.



Na época da pesquisa “Elemento Suspeito”, do CESeC, em 2002, quando os policiais me paravam, já me reconheciam. Eles diziam: ‘Eu te conheço, você é do AfroReggae, não é?’. E perguntavam: ‘Vem cá, por que vocês só fazem show pra bandido?’. E eu dizia: ‘Mas show em favela não é pra bandido’. Eles: ‘É sim’. Ou seja, para eles, todos os moradores de favela eram bandidos.

Isso virou uma rotina nessas abordagens. Eles perguntavam: ‘Não tem um CD, uma camiseta pro polícia?’. E não é propina, são os mesmos CD e camiseta que o porteiro me pede, o policial, o bandido, o empresário, o jornalista, o pesquisador – todos me pedem.

Então, em 2002 ou 2003, passando pela Linha Vermelha, vi um tiroteio daqueles *hollywoodianos*, com helicóptero e aquela poeira vermelha do atrito da pedra. Tentei voltar na contramão e um policial gritou: ‘Ei, vai aonde?’. Eu falei: ‘Vou voltar também’. E ele: ‘Não, você fica. Peraí, eu te conheço de algum lugar’. Começou a conversar comigo, só que estávamos no meio do tiroteio! O tiro passando perto do carro, eles abaixados e dando tiro também. Eu evito falar para as pessoas que sou do AfroReggae, geralmente espero perguntarem. Ele me olhou e disse que me conhecia de algum lugar e, na mesma hora, disse que era do AfroReggae. E aí, no meio daquilo tudo, ele pediu: ‘Não tem um CD, uma camiseta aí, não?’. Eu falei: ‘Tenho cinco, toma. Tô liberado?’. Quando estou dando a ré, outro policial começa a gritar: ‘Ei, vai aonde?’. Respondi: ‘O policial ali já me liberou, sou do AfroReggae. Inclusive, deixei cinco CDs e cinco camisetas aqui’... O cara gritou: ‘Cinco? Nós somos 20!’. Achei aquilo muito engraçado.

A primeira coisa que fiz depois disso foi procurar a Sílvia Ramos, do CESeC, e dizer que queria fazer um trabalho com a polícia. Ela falou: ‘Contra a polícia?’. E eu: ‘Não! Com a polícia. As mesmas oficinas que faço na favela quero fazer com esses caras, que são iguais aos meninos da favela, me pedem coisas como se fossem garotos, e tem de ser igual’.



cometeu a chacina, um grupo do Hare Krishna e a Polícia Civil, é muito surpreendente. Eu sabia que seria a cena dos 15 anos.

Hoje, o LG [um dos vocalistas do Afroreggae] diz: 'Esses caras de Minas Gerais fardados são iguais a gente, são AfroReggae'. Há seis anos, LG se recusou a entrar no ônibus da polícia. Esse mesmo LG, há 13 anos, era gerente do tráfico de drogas. Então, tenho de acreditar que é possível mudar. Para isso, luto para ser imparcial. Acho que falta para todos nós imparcialidade. Todo mundo, até mesmo o pessoal do Terceiro Setor, é tendencioso. Só olhamos para um lado. Acho, realmente, que a gente tem de ser imparcial. Não sou, mas tento ser.

Observatório: *Isso não remete ao Betinho? Ele conseguia despertar na pior das pessoas o melhor dela. Lembra também a luta pela solidariedade.*

Junior: Eu me inspiro no Betinho. Para mim, ele foi a grande referência dessa galera mais intelectualizada, o último piloto do Boeing. A partir do Betinho, as pessoas de comunidades de base passaram a ser os próprios pilotos. Hoje, tem AfroReggae, MV Bill, Nós do Morro, uma porrada de protagonistas. Mas nunca ocuparão o lugar dele. Atualmente, se fala muito de responsabilidade social, mas lembro que o Ibase lançou o balanço social⁵ numa época em que ninguém falava nisso.

⁵ Balanço social é um demonstrativo publicado anualmente pelas empresas reunindo um conjunto de informações sobre projetos, benefícios e ações sociais dirigidas a empregados, investidores, analistas de mercado, acionistas e comunidade. É um instrumento estratégico para avaliar e multiplicar o exercício da responsabilidade social corporativa.

Lembrei de algo engraçado: a primeira vez que vi Betinho bebendo cerveja, fiquei decepcionado. Para mim, ele era um santo. Foi em 1993, num evento. Todo mundo bebendo água e ele bebendo cerveja. Pensei - 'Pôxa, logo o Betinho...'. As pessoas pensam umas coisas muito loucas.

Observatório: *Acredita, então, que o AfroReggae sofreu influência do Betinho?*

Junior: Considero o AfroReggae um legado de três movimentos: o do Betinho, o tropicalismo de Caetano e Gil e o Olodum, porque sem Olodum não haveria Rappa, AfroReggae ou Racionais. O que bateu no meu coração foi o Olodum. Eu vi e falei: 'Quero fazer isso. Aquela batida, aquelas letras'.

E o Betinho... Minha primeira viagem internacional foi em 1996, para o Canadá, fui como representante do Ibase, que recebeu um convite para enviar um jovem que trabalhasse em comunidade. Betinho disse: 'O Ibase não tem jovem que trabalhe em comunidade, e você é o mais próximo da parceria. Quem armou tudo foi o Pedro Dalcero.⁶ Eles disseram: 'É negócio supersimples, é chegar lá e falar'. Simples o cacete! Era eu, Marco Aurélio Garcia e Lula. Em 1996, o Lula já era o Lula.

Enfim, há esse legado que faz com que existam novas mediações, novos atores, novos protagonistas. Para mim, a mistura do Gil e do Caetano, das décadas de 1960 e 70, que eram ativistas sociais, músicos e artistas, é o MV Bill. Ele tem essa missão.

⁶ Ex-pesquisador do Ibase.

Hoje, ele é mais ativista que artista, mas é artista também. Conheço o Bill desde que criamos o AfroReggae. Tenho um sentimento de amor e respeito por ele, e o acho o máximo como pessoa.

Observatório: *"Falcão, meninos do tráfico" foi divulgado no programa Fantástico, da Rede Globo, mas isso não mudou a frieza com que a classe média aceita o extermínio. Como usar a experiência da mediação do conflito, dando-lhe a a dimensão da exemplaridade? Como ganhar a sociedade, a polícia e mudar nossas ações?*

Junior: Recentemente, saiu uma grande matéria em O Globo, e rendeu capa. Fizemos questão de colocar seis pessoas do AfroReggae não muito conhecidas e que foram do tráfico. Há alguns anos, eles estariam nesse mesmo veículo como procurados. Um daqueles caras comandou a rebelião de Benfica, o Carandiru carioca, quando várias pessoas morreram. Uma das grandes rebeliões de Bangu III também foi ele que comandou. A maioria das pessoas pensaria: 'Esse cara tem jeito? Lógico que não. Esse cara tem de ser fuzilado'. E ele está, há um ano e meio, fazendo um trabalho fenomenal. Só este ano, como coordenador de um de nossos projetos, já encaminhou para uma empresa cerca de 60 pessoas para trabalhar com carteira assinada. Dessas, 37 ou 38 saíram direto da boca de fumo, do crime, da cadeia.

Este ano, estamos fazendo uma ação que também considero importante. Este mês [junho de 2008], 25 jovens empresários da Fiesp [Federação

das Indústrias do Estado de São Paulo] vieram para o Rio de Janeiro. Desses, muitos são herdeiros de fortunas e já pilotam suas empresas. Eles têm entre 26 e 40 anos e ficaram três dias nas favelas do Rio com o AfroReggae. É preciso entender que a situação está mudando. Os caras chegaram, fizemos uma reunião, e eles foram para um baile *funk*. Lugares onde os empresários do Rio não vão. Foram para Vigário Geral, para Parada de Lucas.

Hoje, a nossa motivação é esta: criar uma ponte que integre pessoas diferentes. Ao mesmo tempo que o AfroReggae tem um trabalho nas favelas do Rio, tem um trabalho muito forte com a polícia de Minas e com os jovens empresários de São Paulo.

Observatório: *Mas e quanto ao Estado? A política de segurança pública continua defendendo a política do confronto, certo?*

Junior: Concordo. Mas, atualmente, conversamos bastante com o secretário de Segurança Pública do Rio de Janeiro, Mariano Beltrame. Segundo ele, nas últimas décadas, a única presença do Estado nas favelas foi a polícia. Não concordo com tudo o que ele diz, mas isso é verdade. Hoje, estamos fazendo um trabalho nos presídios de Bangu I, Bangu II, Bangu III, Bangu IV e no Talavera Bruce [presídio feminino]. Esse trabalho envolve a realização de oficinas do AfroReggae lá dentro, em parceria com outros projetos, como Nós do Morro, Cufa [Central Única de Favelas] e Observatório de Favelas. Estamos fazendo uma ação para que o

cara, quando sair da prisão, consiga emprego, ou melhor, o primeiro emprego de carteira assinada. Quem conseguiu fazer a emenda e patrocinar o projeto foi a deputada federal Marina Maggessi, ex-inspetora de Polícia, que botou a maioria dos caras na cadeia. Sabe quanto tempo levamos para convencê-la? Cinco minutos. Vai no *site* dela que está lá: R\$ 2 milhões para esse projeto.

Quando falei, no palco do Theatro Municipal, do Dr. Gilberto, poderia ter falado da Regina Casé, ter feito média com qualquer empresário que estivesse ali, mas falei do chefe da Polícia Civil. Falei porque acredito que ele merecia aquilo. Acho que temos de começar a dar um voto de confiança às pessoas, não importa quem elas sejam. Mas, sinceramente, se me perguntarem qual é a solução, não sei responder. Sei que não pode ser a polícia a única parte do Estado a entrar na favela.

Hoje, para entrar em comunidade, temos de levar em consideração a questão das classes C, D e E terem virado consumidoras. Dão dinheiro, lucro. Quem bomba a novela das oito? É essa galera. O que bomba o segmento popular? O funk. O Rio de Janeiro hoje é funk, que é muito forte em todas as classes. Você vai ao casamento da filha da Lilibeth Monteiro de Carvalho, ao aniversário do filho do Sérgio Cabral e o que toca é funk, sem problema nenhum. Aliás, isso está em todo o Brasil.

Assim, qualquer empresa, qualquer operação de negócio que quer ser bem-sucedida, envolve essa galera. O maior anunciante do mercado

publicitário do Brasil são as Casas Bahia. E elas não estão nem aí para você ou para mim que, hoje, sou classe média. Ela quer o povo.

A situação está mudando. Vou dar um exemplo. O Centro Cultural Waly Salomão, que estamos construindo em Vigário Geral, está custando R\$ 4 milhões 700 mil. Só de material de construção, foi mais de R\$ 1 milhão. Fizemos questão de comprar o material de construção em uma loja dentro da favela, que nem era a mais barata. Escolhemos fazer essa renda circular na favela. Essas visões são próprias de quem está lá dentro. Não podemos esperar que caras como Beltrame ou Sérgio Cabral tenham essa visão.

Observatório: *Houve uma manifestação impressionante de estudantes da Universidade Federal Fluminense⁷ contra o curso de Segurança Pública para policiais. Por que não querem ter policiais na universidade?*

Junior: Não sei, mas acho isso uma maluquice... Se, individualmente, não criarmos algo e, depois, transformarmos em nosso, nada funciona. Sabe o que também me fez mudar muito? O cinema. Fui formado pelo cinema *hollywoodiano*. Tive a percepção de que todo mundo poderia mudar em 1983, quando assisti ao filme *O retorno de Jedi*,

⁷ Manifestação realizada no dia 11 de setembro de 2008, por estudantes da UFF (Campus Gragoatá) contra o projeto de expansão do Instituto de Ciências Humanas e Filosofia e a criação do curso de Segurança Pública.



Quando o imperador vai matar o Luke Skywalker, o pai dele, que era o temido vilão Darth Vader, pega o imperador e joga no abismo. Quando vi isso pela primeira vez, pensei: 'Caramba, até o Darth Vader teve jeito!'. É sério! Tenho esse vídeo no meu telefone. E acredito que a gente tenha de pensar dessa forma.

Observatório: *Qual é a saída para os jovens que estão no tráfico e toda a rede de interesses que gira em torno disso?*

Junior: Não sei como resolver essas questões, mas sugiro que se crie, primeiro, uma grande anistia interna e se dê um voto de confiança às pessoas. Para todo mundo, para o cara que quer largar o crime, para aquele empresário que era um capataz e hoje quer trabalhar com conceitos de responsabilidade social, para o policial que era violento... Se não for assim, danou-se. Se o fulano explorou, mas quer mudar, vamos deixar o cara mudar porque ele não pode ser condenado à morte. A não ser que a gente fuja. Você lembra quando o Terceiro Setor, começou? Muitos grupos falavam mal de ONGs grandes, porque recebiam não sei quanto e não se via o resultado desses trabalhos. Lembro que disseram que a Fundação Ford financiava a CIA no Brasil.

Mas se foi assim naquela época, agora, organizações como o Geledés, o Ylê Ayê, o AfroReggae conseguem financiamento sem problemas. Claro que não podemos esquecer, mas se for levar para esse lado, não posso beber Coca-Cola porque a fábrica financiou um genocídio na Colômbia; não posso andar de Volkswagen porque criou o fusca para o Hitler. Passamos um filme no AfroReggae, *The corporation*. Esse filme é muito forte, e nos faz pensar que não podemos usar nem ter nada, não podemos ver a Rede Globo... E aí a gente pensa: fazer o quê, me matar? Não! Temos de buscar o equilíbrio. Hoje, o AfroReggae e a Cufa estão bombando. Por quê? Sem tirar o mérito de nossos parceiros e aliados, foi a Globo quem colaborou. Se a Globo não botasse a gente lá, duvidou que o

Theatro Municipal enchesse, que o AfroReggae seria reconhecido como hoje é, mesmo fazendo o trabalho que faz e tendo esse alcance. Eu vivo muito isso. Vou às comunidades mediar conflito de tráfico, saio de lá e às dez da noite estou com empresários de São Paulo.

Observatório: *Acredita que o Terceiro Setor, as ONGs, também estão mudando?*

Junior: Antes, não havia quase negros nas grandes ONGs. Hoje, tem. O próprio AfroReggae está mudando; agora, há muitos gays trabalhando conosco. Provavelmente, isso está acontecendo porque no meio artístico é mais aceitável. Mas não é só por isso. O AfroReggae tem um coordenador social, um mediador de conflitos, que é gay. Aliás, um dos melhores que conheço para resolver problema em favela, que não é do AfroReggae, é um ex-travesti. É um negão grandão, cabelo esticado, com seios e tudo. Já vi esse cara dar tapa na cara de bandido, no Complexo do Alemão, e dizer: 'Olha como você fala comigo, rapaz!'

A situação está mudando a ponto de um gay ser respeitado na favela, que é um lugar machista e homofóbico. Os tempos são outros. Lembro, por exemplo, há uns dois anos, quando foram instaladas todas aquelas CPIs [Comissões Parlamentares de Inquérito sobre a corrupção no governo Lula]. Percebi que essa história que o brasileiro não gosta de política é a maior mentira. O povo via, em qualquer boteco do Rio de Janeiro, a CPI dos Correios, parecia Copa do Mundo, todo mundo com o maior interesse.

Observatório: *Se a primeira medida para conseguir a conexão seria uma anistia nossa, interior, qual seria, então, a segunda medida?*

Junior: Para não parecer hipocrisia, acho melhor dizer que a anistia é no sentido moral. Porque não se diz tudo bem, eu perdo, de boca. Procuo, sempre, fazer uma avaliação de cada situação. Quando vou dar palestras para empresários, pessoas muito ricas,

eles dizem: 'Quero ajudar. O que posso fazer?'. Eu digo: 'Olhe dentro de sua casa. A empregada, para estar aqui às sete da manhã, acorda às quatro e meia e volta para a casa às oito, dez da noite. Você está dilacerando o núcleo familiar dela. Indiretamente, pode botar o filho dela no crime, porque não dá para ela cuidar do marido, do filho, de coisa nenhuma. Então, comece pela sua casa'. É engraçado porque o cara acha que vou pedir uma doação. Aí, chamo a senhora que trabalha ali e pergunto: 'A que horas a senhora acorda para estar aqui? A senhora tem filho? O moleque está servindo lá, não é? Mora onde? Quanto tempo demora para chegar aqui? Quem cuida de seu filho?'. Faço uma espécie de *talk show*, com perguntas para as quais já sei as respostas. Depois, pergunto para o dono da casa: 'Sabe como o senhor pode ajudar? O senhor acha que a ajuda por ela trabalhar em sua casa?'. E ele: 'Acho'. E continuo: 'Não, o senhor está acabando com a vida dela, mas ela não pode perder o emprego. Como se pode resolver isso? Será que se ela vier morar aqui no morro melhora, porque aí ela vai ficar mais tempo com a família'. Pergunto para ela: 'A senhora quer morar na favela?'. E ela: 'Não, não quero'.

Essa história é para mostrar que, às vezes, o importante é fazer o cara refletir sobre a violência, o importante é começar pela casa dele, pelos funcionários dele. Começo a trabalhar a partir disso. Acho que a gente tem de começar a baixar a guarda. Não é a do outro. É a nossa guarda. A do outro é um detalhe.

Observatório: *Você tem uma visão otimista das pessoas e das situações. Para você, isso é fundamental?*

Junior: Sim! Eu poderia fazer coro ao pessimismo que rola por aí e falar sobre um monte de fatos ruins. Até porque, se quiser captar mais recursos, basta fazer um discurso pessimista. Temos uma força lá fora muito grande. Mas não queremos pedir patrocínio internacional, porque queremos do Brasil. Nosso país é rico, para que vou pedir

Conexões Urbanas

A morte brasileira é assim: um rapaz negro de bermuda e chinelo, frequentemente estampado nas páginas policiais dos jornais cariocas, morto. E esse perfil talvez explique por que o Brasil demorou tanto tempo para começar a responder a essa tragédia de forma mais determinada. Faz mais de duas décadas que assistimos a esse mesmo filme, a esse padrão de concentração de mortes entre jovens, negros e pardos, moradores das favelas, se repetir. São 50 mil mortes a cada ano. Grupos como AfroReggae, Cufa, Nós do Morro e centenas de grupos de hip hop pelas cidades brasileiras estão reinventando o orgulho de pertencer à favela, à quebrada e à periferia, estão criando uma nova geração de personagens reais: jovens urbanos que estão tentando mudar seus territórios. Esses grupos são importantes, não só para os jovens das periferias aprenderem a protagonizar sua própria história. Eles são importantes, principalmente e acima de tudo, para o Brasil, que só despertou para as tragédias cotidianas graças às conexões urbanas que os próprios "Meninos do Rio", em iniciativas como o AfroReggae, estão conseguindo fazer. ■

Silvia Ramos, CESeC



lá fora? Quando vamos à Índia, por exemplo, é diferente. Somos contratados para prestar serviços. Poderíamos mandar projeto para União Europeia, para o Banco Mundial, mas não mandamos. Sabe por quê? Porque não queremos associar a imagem do AfroReggae a mazelas e violência.

Fui à Anistia Internacional, que é nossa parceira, e falei para mostrar os aspectos bons também, porque ela só mostra os aspectos ruins! E isso é importante, senão perdemos a esperança. Todo mundo só fala mal, mas tem fatos bons acontecendo. Temos de mostrar que, no meio dessa confusão toda, tem muitos aspectos bons acontecendo. E se dermos visibilidade a isso, a tendência de quem está na escuridão é querer buscar a claridade. O problema todo é que o cara só vê escuridão, só vê o que é ruim. Por que vou mudar minha vida se a televisão e o jornal dizem que não tem solução? Temos de mostrar também que tem jeito.

Observatório: *Você falou de pessoas conhecidas e da relação com o AfroReggae. É por isso que falam que o AfroReggae virou popstar?*

Junior: Na minha frente ninguém fala, mas andam dizendo que o AfroReggae está muito *fashion*. Mas no dia seguinte ao massacre que ocorreu no

Complexo do Alemão, quando a polícia executou 19 pessoas, pergunta se tinha alguém lá de alguma ONG. Nós estávamos. Pergunta quem está fazendo mediação nesse confronto do Fumacê com Vila Vintém? A maioria dos que criticam o AfroReggae nem sabem onde é o Fumacê e a Vila Vintém. Será que eles acham que basta mandar um *release* denunciando? Além disso, tem de buscar entender as situações, as pessoas, os recados.

Eu poderia dizer que não tenho nada a ver com o Complexo do Alemão, a Vila Vintém e com o Fumacê. Mas me envolvo porque tenho um ideal, uma motivação: perceber que tudo pode mudar. Porque se não acreditar nisso, vou aceitar o convite para montar um escritório do AfroReggae em Londres, ficar igual a um burguesão, só ganhando bem, e de lá disseminando um conceito pelo mundo inteiro. Por isso, fico puto quando dizem que o AfroReggae é *popstar*. Pode até ser na mídia, mas nunca cruzei, no meio de guerra, no meio de confronto, com ninguém de grupo artístico, cultural ou social. Só vejo a gente e, às vezes, um monte de líder comunitário desesperado, isolado, taxado como bandido. Muitos, caras do bem. Muitos, piores que bandidos, porque são co-optados pelo crime, por políticos ou pelo governo. E ninguém faz nada pelos caras.

Observatório: *Esse trabalho exige muita responsabilidade e consciência do que cada um deve fazer. Como isso é ensinado no AfroReggae?*

Junior: Betinho contava uma história que sempre conto. Claro que ele contava de forma mais *light*, mas vou contar do meu jeito. É a história do incêndio da floresta e do beija-flor. O leão pergunta para o beija-flor se ele acha que, com uma gotinha, vai conseguir apagar o incêndio. O beija-flor, então, manda o leão tomar no cu: 'Você não quer apagar o incêndio, eu quero'. Então, isso eu aprendi com Betinho. O outro não vai fazer? Foda-se! Vai lá e faz você.

Ensino isso para os meninos do AfroReggae quando eles dizem que fazem, mas o fulano não faz. Digo: 'A gente vai fazer aqui, mesmo que, às vezes, faça errado. Você está aqui, no AfroReggae, vai prosperar'. E isso serve para fora e para dentro. Se eles reclamam que o cara não faz, eu digo: 'Fica tranquilo, deixa ele. Ele vai se dar mal'.

E, assim, começamos a criar conceitos para a molecada. Passamos muitos conceitos sociopolíticos e capitalistas, porque o mundo é capitalista. É como se fosse uma empresa, que segue aquele ditado, 'Na casa do bom homem, quem não trabalha não come'. Então, quem não está fazendo nada, não vai se beneficiar. Não quer produzir, não produz, mas também não vai receber. E receber, não é só dinheiro.

Também passamos a responsabilidade de aprender a ter tolerância. Um exemplo foi esse evento que fizemos no Municipal. Pegamos a Polícia Militar, o Hare Krishna, mas quem ganhou a homenagem foi um pastor da igreja evangélica. E é isso mesmo, estamos juntos e misturados. Tem de ser assim. Para resolver, para mudar, para clarificar, as pessoas realmente vão ter de baixar a guarda, vão ter de acreditar no próximo.

O que buscamos fazer, tentando aprender e ensinar, assim como alguns grupos, é estabelecer o diálogo. Tenho a maior fé que, daqui a algum tempo, vão perguntar: 'É mesmo? Já houve uma época em que não existia diálogo?'. Porque não existe agora, mas daqui a uns 15 anos... E não digo só com o crime, mas com empresa, poder público, com tudo. Temos uma possibilidade agora, com a união dos governos federal, estadual e municipal, de mudar a história do Rio de Janeiro. E acredito que já começou, pois o PAC [Programa de Aceleração do Crescimento], por mais problemas que tenha, pode ser muito importante.

Hoje, o que nos deixa felizes é que ajudamos a criar vários grupos fora do Rio e fora do Brasil. Esses grupos seguem, não digo que seja a nossa metodologia, mas os conceitos do AfroReggae, e vão adaptando à sua realidade. Tenho o maior orgulho de ver aqueles policiais de Minas dizendo que o AfroReggae de Minas é 'policial'. Tenho o maior orgulho quando o André Skaf, filho do Paulo Skaf, presidente da Fiesp, em qualquer entrevista, fala que ele 'é' AfroReggae. ■

